

25 de Abril

Foi há 48 anos que um grupo de militares portugueses desafiou o seu e o nosso destino encetando o golpe de Estado que mudou o país para sempre, pondo término a quase meio século de um Portugal dominado sob o jugo da ditadura e abrindo caminho ao Portugal livre que hoje conhecemos.

Nesse dia à 50 anos andava na escola primária, tínhamos aulas de manhã e de tarde e depois de almoço sr professor, era assim na altura deu-nos folga de tarde e fomos todos jogar a bola para o recreio, já na altura foi um dia fixe e uma tarde diferente.

O 25 de Abril deu-nos a liberdade.

Apesar dos tumultuosos anos que lhe seguiram, esta revolução ficou, surpreendentemente, para a história como uma das mais pacíficas, marcada pela quase completa ausência de circunstâncias trágicas, sem derramamento de sangue, cujas imagens de plena comunhão e confraternização entre os militares de Abril e o povo que saiu à rua para os saudar e festejar o triunfo da revolução, tão bem ilustram, foi a revolução dos cravos.

A nossa democracia, durante quase meio século de história, conheceu distintos períodos no seu percurso, bem demarcados uns dos outros e que contribuíram, de forma sequencial, para o Portugal que, hoje, conhecemos:

Após o biénio revolucionário (1974-1975) dominado pela agitação social própria de um país em mudança, fortemente marcado pelo turbulento “verão quente de 75” e que culminou na viragem de Portugal ao centro,

após o desmantelamento, a 25 de Novembro, da “deriva comunista” que se quis impor ao país.

Seguiu-se uma década de consolidação e estabilização da democracia (1976-1986), período, após o qual, o país se abriu à Europa e nós, portugueses, passámos a ser, orgulhosamente, também, Cidadãos Europeus.

Após o 25 de Abril nos dar a Liberdade o 25 de Novembros deu-nos a Democracia e o Pluralismo.

Como povo, não somos, hoje, muito diferentes do que éramos em Abril de 74.

Na Ilustre Casa de Ramires, Eça de Queirós caracterizava-nos pela *“generosidade, o desleixo... um espírito prático, sempre atento à realidade útil. A viveza... A esperança constante nalgum milagre que sanará todas as dificuldades... a vaidade, o gosto ... de luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um mendigo... Um fundo de melancolia. A desconfiança terrível de si mesmo, que ... acobarda, ... encolhe, até que um dia se decide, e aparece um herói, que tudo arrasa”*).

Somos, porém, muito diferente enquanto país.

Abril deu-nos a liberdade e, com isso, abriu caminho para seguirmos um percurso rumo a melhores condições de vida e mais equidade social, no acesso à saúde, à educação, ao emprego, permitindo que todos, independentemente das condições do berço, tivessem oportunidade de lutar por uma vida melhor.

Abril trouxe-nos um Estado mais social e equitativo, consolidando o direito a uma pensão e demais apoios sociais importantes na luta contra a pobreza e exclusão.

Abril abriu-nos as portas para “lançar as bases de um verdadeiro Serviço Nacional de Saúde”. O mesmo SNS que, hoje, luta pela sua sobrevivência.

Mas temos que reconhecer que, actualmente, convivemos com circunstâncias que, potencialmente, comprometem a saúde da nossa democracia.

Temos, por isso, que lutar por ela, sarando-lhe as feridas e fugindo dos extremismos que a ameaçam. Precisamos de direccionar os nossos recursos para aquilo que interessa ao País, sabendo que apostar na Educação e na Saúde deverá ser sempre visto como um investimento, cujos frutos se colhem no dia de amanhã.

Precisamos de um sector de Justiça mais célere e mais confiável e de pugnar por uma Justiça que se quer cega, desapegada de interesses e clientelismos.

Vivemos num país com um sistema burocrático pesado que tolhe e desincentiva o investimento e atrasa os serviços do Estado que, ainda, carecem de eficiência.

Somos um país seguro, mas precisamos de acarinhar e dignificar as nossas forças de segurança.

Precisamos de confiar mais na classe política; como em qualquer sector da sociedade, temos os bons e temos os maus, mas precisamos de mais políticos despojados de interesses pessoais e mais apostados em servir a causa pública.

Pergunto-me se, hoje, faz sentido lembrar Abril!

Faz, claro que sim, claro que faz! São quase 6 milhões os portugueses que nasceram num Portugal democrático, livre e aberto à Europa e ao mundo.

São mais de metade os Portugueses que não viveram o PREC, o período revolucionário, nem conheceram um

Portugal sob o jugo da ditadura, da censura, da PIDE, do Tarrafal, da Guerra Colonial.

A todos, mas sobretudo, a estes Portugueses, faz cada vez mais sentido lembrar a noite em que Portugal desertou das sombras e conheceu o dia, como Sofia de Mello Breyner tão bem eternizou: *“Esta é a madrugada que eu esperava / O dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio”*.

Há um Portugal antes e depois de Abril de 74.

Esta é um bocado da história do 25 de Abril, mas e hoje, hoje o País é diferente, as pessoas são diferentes, o Estado é diferente, hoje e perante o nosso País somos levados a pensar que algo está por fazer e que nos cria retrocessos Civilizacionais e Democráticos enquanto Cidadãos, hoje quando pensamos quando reparamos nos nossos Hospitais em que ou estão fechados ou o tempo de espera vai para lá da chamada janela terapêutica, no ensino, bem no ensino tivemos as escolas mais ou menos 1 ano paradas, temos em números oficiais 32.000 alunos sem aulas, em Sintra temos uma turma do 8º ano sem aulas de Inglês desde o início do ano lectivo, na Justiça bem ou mal, temos processos que levam anos e anos de atraso, o dia a dia nos tribunais é penoso gerando a desconfiança no cidadão de que a Justiça não é nem para todos nem igual para todos, na habitação e fruto de muitos anos de políticas erradas para o sector temos falta de habitação e preços exorbitantes pela existente.

Estes são novos problemas que após 50 anos do 25 de Abril de 74 nos fazem pensar porque que é que em termos de sociedade e País não fomos capazes e nos

deixámos levar para estes problemas que dilaceram os Cidadãos e criam muitos problemas a uma sociedade livre e democrática, deixando espaço para que forças políticas extremistas nasçam e cresçam deturpando aquilo que é uma sociedade livre e democrata.

Estas forças, os extremismos aparecem pela fraca e inoperância das lideranças Democráticas, se as forças Democráticas foram capazes os extremismos não têm futuro.

Por isso e neste tempo enquanto cidadãos temos que ser mais solidários uns com os outros, enquanto comunidade temos que ser mais unidas e enquanto decisores políticos temos que ser mais capazes e pensar mais em cada acto no bem e no futuro do e de cada Cidadão.

Mantenhamos vivo o espírito do 25 de Abril.

Viva Portugal!

Viva a Liberdade!

Viva a Democracia!

Manuel Prior

Membro do PSD na Assembleia Municipal de Aveiro